



Roteiros

6. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

Editorial

ADRIANO MOREIRA

No dia 12 de Março do ano corrente, e por iniciativa do Partido Socialista, que ali levou a cabo as suas jornadas parlamentares, realizou-se em S. Miguel uma sessão de homenagem a Antero de Quental. Tomaram parte representantes de várias correntes de pensamento, incluindo o Reitor da Universidade, e tem de reconhecer-se que foi uma reunião que pode servir de exemplo às muitas que serão necessárias levar a efeito para entender o que se passa com a identidade nacional.

Foi pena que os meios de comunicação estatal não se tivessem dado conta do facto no continente, deixando assim de contribuir para animar e desenvolver uma prática que será útil e frutuosa.

Por nossa parte não queremos deixar de assinalar o acontecimento, e repetir, como ali lembramos, que se Antero é o arauto do europeísmo, o seu contemporâneo Mouzinho foi a bandeira do atlantismo. Acontecendo agora que ambas as vocações estão numa posição invertida à que tinham nessa época, também é de notar que ambos foram conduzidos ao suicídio, como que esmagados pelas resistências das circunstâncias.

Foi Unamuno, em La agonía del cristianismo, quem chamou a atenção para a expressão portuguesa — isto dá vontade de morrer, perguntando-se se não terá ela antecedido um sentimento europeu de decadência.

Certo é que uma nova angústia parece desenvolver-se entre os portugueses, em busca da segurança da individualidade independente, e ressuscitando inquietações que foram de Almeida Garrett. O qual deu melhor exemplo, o de não desistir em face das alterações globais do equilíbrio mundial que antes e mais profundamente examinou do que outro português.

Meditação em volta dos Descobrimentos

Pe. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR

1. O nosso Instituto realizou em 21 de Janeiro um Colóquio sobre Descobrimentos na cidade de Santarém no contexto das Comemorações do V Centenário dos Descobrimentos com uma participação de 100 pessoas, ligadas ao ensino e a outras Instituições culturais da Capital Ribatejana.

Este facto, é um sinal altamente positivo numa época em que imperando tanto pragmatismo, ainda há pessoas nessa cidade de tantas raízes históricas e culturais, que resolveram sacrificar o plácido descanso dum fim-de-semana, para reflectirem em grupo, em problemas que transcendem os problemas, e já não são poucos, que nos ocupam e preocupam no nosso dia a dia.

2. Desejo comunicar-vos primeiramente quem é e o que é a Instituição que promove este Colóquio — o Instituto D. João de Castro.

É uma associação cultural privada, constituída por cidadãos portugueses livres, com o objectivo de estudar os temas relativos à Paz, Segurança e Cooperação Internacional, primeiro em Portugal e depois a nível europeu (Estatutos).

A acção que visa este projecto não é só de efeitos no campo político, mas também nos campos moral, cultural e social, na medida em que se apoia em valores que a suportam (Estatutos).

Destes enunciados se conclui, que importa à Paz e Segurança dum país, saber quais os valores culturais e morais que constituem o seu suporte e razão de ser em relação a outros países ou nações e daí, que importa definir claramente esses valores. Essa definição não é dedutiva, diriam os aristotélicos, mas indutiva ou seja, os valores duma

Meditação em volta

Comunidade nacional vão-se primeiramente vivendo através do tempo, vão-se clarificando através da análise histórica, vão-se comprovando e defendendo em tempos de crise.

As crises podem vir de factores exógenos ou endógenos e a análise dir-nos-á, como se ultrapassam as crises.

Geralmente a crise exógena é causada por factores endógenos.

A História da nossa nação é eloquente a essas épocas de crise e os modos como foram ultrapassadas.

Não me alargarei nestes considerandos, mas o Instituto D. João de Castro chamou a si o estudo dos nossos valores, a sua definição e a sua defesa neste momento importante para a nossa vida, enquanto Comunidade nacional. Interessa aos portugueses de hoje, que pensam, analisar o passado, meditar no presente e projectar o futuro da Comunidade.

Os nossos antepassados há 500 anos, realizaram um projecto nacional em que entrou a Comunidade enquanto tal, como era naquele contexto e naquela época e as consequências da realização desse projecto ultrapassaram o âmbito nacional e projectaram-se a nível europeu, que quer dizer, mundial, para aquela época.

No contexto que vivemos neste fim de milénio, em que tantas transformações se deram a nível interno com consequências internacionais, torna-se necessário pensar, se ainda temos razão para existir enquanto povo, ou se já cumprimos a nossa missão de povo ou nação; um dos «Profetas» do nosso tempo, afirmou que Portugal está ainda por «Cumprir» e a actual geração tem pelo mesmo, trabalho e missão a cumprir.

Eis aqui um dos nossos objectivos e como afirmou o Prof. Adriano Moreira: «O nosso intuito tem sido o de habilitar os Portugueses a discutirem juntos a definição e o futuro de Portugal, a que todos pertencemos».

O Instituto D. João de Castro é uma associação cultural, livre e independente, não enfeudada a qualquer partido, movimento ou ideologia política — «o nosso Partido é o Partido de Portugal inteiro» e não fraccionado, pois entendemos que é possível, que os portugueses sejam todos portugueses e que ninguém seja excluído de o ser, querendo-o ser.

Apraz-me citar aqui aqueles 3 versos de Fernando Pessoa com que termina a *Mensagem*:

«Aquele Portugal inteiro
que, Universal perante a Cruz,
do Deus Jesus».

3. UM PROJECTO PARA O ACTUAL CONTEXTO HISTÓRICO

Portugueses e espanhóis celebram neste fim de milénio o V Centenário dos Descobrimentos. Cada nação tem o direito de escolher o modo como deseja comemorar esse

«Facto», que aparece como um facto de carácter colectivo, em que intervêm a seu modo, as forças políticas, sociais, económicas, culturais e religiosas da época, unidas em objectivos que interessavam, a toda a Comunidade.

A geração de hoje sente-se ligada à geração de então e julga-se herdeira dum património, ao qual, os mais conscientes desta geração, não desejam renunciar, mas se possível, desejam ainda valorizar.

Não desejo entrar em juízos valorativos como os espanhóis estão preparando a celebração do acontecimento de 1492 e as consequências que daí se seguiram para Espanha e para as terras que descobriram. O problema é dos espanhóis, bem que não poderemos ser alheios às consequências que daí certamente nos advirão.

Interessa-nos a nós portugueses, pensar como queremos celebrar o acontecimento de 1498 como epílogo de todo um programa «O Plano da Índia», como o chamou Joaquim Bensaúde; que poderia ter início na conquista de Ceuta em 1415 ou no dobrar do Cabo Não e a chegada de Gil Eanes em 1434 no Cabo Bojador.

Interessa afirmar, que compete a todos os portugueses celebrar esse acontecimento histórico de diferentes modos e interessa também afirmar, que compete de pleno direito às instituições culturais promover acções e programas comemorativos, conforme melhor intenderem em volta dos Descobrimentos.

INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral

N.º de Registo 112 874

● Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres
(Secretário-geral do IDJC)

● Redacção

Sede do Instituto
R. da Madalena, 225 - 3.º Dto.
1100 LISBOA
Telef. 86 01 25

● Propriedade

Instituto Dom João de Castro
N.º 212 873

● Difusão

Pedidos à Redacção

Comp. e Imp. na Minigráfica - Coop. de Artes Gráficas, CRL
Rua da Alegria, 30 — Telef. 36 47 20 — 1200 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 702/87

os Descobrimientos

O Instituto D. João de Casto entendeu e escolheu um modo de estar presente em todo o território nacional, através da realização de Colóquios nas Capitais das Regiões Autónomas e distritais e ainda noutros centros urbanos. É dentro deste propósito e projecto, que se realiza este Colóquio aqui em Santarém.

Porém antes deste Colóquio e com esquemas bastantes parecidos, o Instituto realizou outros três Colóquios: o 1.º em Cascais em 30 de Abril de 1988, o 2.º em Viseu em 15 de Outubro p.p. e o 3.º em Évora em 12 de Novembro.

A Direcção do Instituto antes da realização destes Colóquios sobre Descobrimientos, já tinha realizado mais outros e sobre diferentes temas: em Sintra em 8/10/86, no Porto 13/12/86, Lisboa 14/3/87, Braga 12/5/87, Lisboa em 11 e 12/10/87 e Bragança em 16/1/88.

O Instituto vai assim criando um espaço cultural e de reflexão e que deseja ocupar. Nestes Colóquios realizados num espaço de tempo de 2 anos e meio, participaram à volta de 1.200 pessoas.

Não desejamos inaltecer a obra que se vem realizando, mas entendemos, que é nossa obrigação contribuir com a nossa cota parte numa obra, que julgamos dever ser de todos os portugueses.

A realização destes Colóquios fora de Lisboa, obedece a dois princípios de ordem pedagógica: descentralizar a cultura dos grandes Centros Urbanos e muito especialmente Lisboa, onde estão sediadas grande parte das instituições culturais mais prestigiadas a nível nacional e também mobilizar os valores existentes no interior do país.

4. RAZÃO DESTE COLÓQUIO

Além das razões apontadas, há um acontecimento histórico, que convém aqui lembrar como razão imediata que levou à Direcção do Instituto a marcar esta data para a realização deste Colóquio.

Os Descobrimientos Portugueses não foram feitos apenas por via marítima, mas também por terra.

Em 7 de Maio de 1487 partiram desta cidade de Santarém, Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva à procura do Oriente e Terras do Preste João, via Lisboa, Valência, Barcelona, Nápoles, Rodes e Alexandria.

Em pleno 1488 seguem para Toro, Suaquém, Adém seguindo Afonso de Paiva para a Etiópia e Pêro da Covilhã para a Índia, chegando a Calicut em fins de 1488, em 1489 a Goa e a Ormuz, descendo até Sofala e subindo depois a Adém e Toro, regressando ao Cairo em fins de 1490.

Em 1491 chegam notícias a Lisboa dessas afastadas terras do Oriente e de Abissínia.

Apesar da Biblioteca Nacional ter já celebrado através duma exposição Bibliográfica este acontecimento, como também de Bartolomeu Dias na sua chegada à Baía de S. Brás (1488), julgou a Direcção do Instituto, que Afonso

de Paiva e Pêro da Covilhã deveriam ser lembrados aqui em Santarém nestes espaços de tempo em que eles andaram por essas longínquas terras à procura do lendário Prestes João, com o qual D. João II desejava estabelecer um tratado de aliança contra os mulçumanos.

A escolha de Santarém para este Colóquio, também obedece à sua ligação tão profunda e constante, tanto à ocupação das praças do Norte de África, como à descoberta da Costa Africana, do Brasil e ao governo da Índia.

Tudo isto será lembrado neste Colóquio através de Comunicações elaboradas por estudiosos abalizados.

5. Para terminar esta abertura do Colóquio queria ainda referir-me, mesmo que brevemente, à metodologia criada e aplicada, com bom sucesso, nos Colóquios já realizados e assente em dois ou três princípios que nos parecem importantes:

a) Proclamamos a autonomia de quantos aqui nos encontramos em plena liberdade de pensamento, somente condicionada à verdade, que se impõe à nossa inteligência.

b) Plena liberdade de expressão dentro desta sala, somente condicionada pelo mesmo direito de liberdade de expressão do nosso companheiro e amigo.

c) Respeito profundo nas nossas expressões, pela pessoa dos outros que pensem dum momento diferente do nosso.

Estes três princípios têm imperado sempre, como três artigos do nosso «Credo» Cultural.

O Programa contempla visitas a alguns Monumentos históricos e artísticos e que estão ligados aos Descobrimientos e aos Descobridores. Essas visitas constituirão um momento solene de homenagem aos Homens do passado pelos cidadãos do presente, que moram na mesma cidade, que oram nas mesmas igrejas, que se reúnem nas mesmas praças e que admiram a mesma natureza, que aqui se tem mostrado tão pródiga em solenidade e beleza.

Não queremos porém, que a lembrança do passado e a justa homenagem aos Homens, que entenderam participar no «Plano da Índia», que fique por aí.

Julgo que neste momento histórico, que a nossa geração vive, e nesta nova rota a caminho da Europa, vale a pena parar e servindo-nos da comparação dos velhos miliários, contarmos os séculos que a nação já viveu e à luz de certos astros de primeira magnitude, lermos o presente e prepararmos o futuro.

Os nossos Colóquios não são pois apenas uma homenagem mais ou menos solene e em tom retórico, aos «Heróis do Mar e Nobre Povo», são também análise do contexto do presente que vivemos, para projectarmos o futuro da Nação.

Pomos nas vossas mãos o programa, que queremos executar neste dia e que vai preencher todo o dia.

A REVOLUÇÃO FRANÇAESA

O Processo de uma Revisão

Todos os fenómenos históricos se encontram submetidos a hipóteses interpretativas, hipóteses tanto mais debatidas quanto maior impacto tiveram e mantêm. Entre eles está certamente a época medieval, que foi sector em que se concentrou ampla polémica, e obviamente a revolução francesa de 1789. Os investigadores europeus e americanos obrigaram a rever a imagem medieval, impondo uma outra onde se destaca, logo à partida, a importante dinâmica tecnológica do período por oposição à imagem antiga, estabilizada num modelo onde a ignorância se casava com as doenças e a brutalidade. E a chamada Idade das Trevas teve que ceder perante o assalto dos novos historiadores, que questionaram mais profundamente aqueles tempos, desafiando a palavra dos historiadores encartados, que tinham pintado o quadro conhecido e ensinado nas escolas até há bem pouco tempo.

Com a revolução francesa, que irrecusavelmente comoveu a Europa e repercutiu no euromundo, passa-se a mesma coisa. Aproveitando o ensejo do bicentenário, investigado-

res franceses, ingleses e americanos, começaram a desenhar uma imagem inesperado e em certos casos escandalosa até. De facto, a narrativa e interpretação dos acontecimentos tinha sido feita sobretudo por duas vias. Uma, na óptica das grandes conquistas das liberdades civis, concretizada nas declarações de direitos; a outra, na perspectiva da libertação de classes oprimidas. A primeira ressalta a marcha do Homem, o derrube das barreiras à sua livre expressão, o triunfo das liberdades; a segunda, faz do povo e da burguesia francesa os heróis de um acto libertador, que apressou a instalação de uma sociedade mais justa. Interpretação liberal e interpretação marxista encontram-se hoje em dia em crise por manifesta insuficiência.

Os novos historiadores foram carreando evidências que mostraram, por um lado, que a afirmação das liberdades levou os «azuis» ao extermínio das populações da Vendéia, que apenas reivindicam liberdade de culto. A revolução levou ao poder facciosos que fizeram tábua rasa das liberdades efectivas e que instados pelas doutrinas que perfilhavam não se detiveram perante nada. A guerra da Vendéia, feita pela República numa terra abastada, levou à morte de camponeses, pequenos proprietários, religiosos e sacerdotes, num incrível acto exterminador. Só Napoleão viria, depois da catástrofe, a estabelecer uma paz para a região, concedendo o que os sublevados não tinha conseguido.

No outro ponto, caduca a tese da burguesia revolucionária. De facto, o Antigo Regime cai por uma acção destrutiva da própria aristocracia, que queria limitar o poder do monarca a qualquer preço. A este factor somou-se o trabalho dos clubes intelectuais, que puseram de moda ideologias contrárias às que fundamentavam a Monarquia e que disfrutaram de grande apreço entre os nobres. Os intelectuais e aristocratas tiveram um papel de relevo na destruição do regime e actuaram numa conjuntura excepcional: Luís XVI era um fraco e não teve qualquer iniciativa expedita e viável para resolver a crise. O povo da capital desempenhou uma função de pressão sobre os novos detentores do poder e foi mais instrumento de hábeis manipuladores, que factor autónomo de determinação das situações. Interessa por fim sublinhar que os marxistas não têm qualquer fundamento para ver nesta revolução o derrube do feudalismo. O feudalismo tinha já desaparecido em França há mais de cem anos.

Curiosamente, a aclamada Revolução não resolveu os problemas do país, como o fizera o grande conflito inglês de 1640. Deixou em aberto, para o futuro, a questão do Regime, que oscilou pelos cem anos seguintes entre mo-

PLAM

TERRENO OU QUINTA

Compro qualquer área

Preferência nos concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais

Agradeço resposta detalhada
com área, localização e preço a

PLAM

Largo 25 de Abril, 4-B — ALFRAGIDE
2700 AMADORA

CESA

ANTÓNIO MARQUES BESSA

narquia, império e república, suscitando por consequência mais uma série de revoluções e guerras externas. De 1789 até à Paz de Viena de 1815 a França desenvolveu o conflito civil e lançou-se nas grandes guerras externas, o que a atrasou economicamente e acarretou amplas perdas populacionais. A Restauração borbónica acabaria por não significar coisa alguma e para obter o início do desenvolvimento económico, o país teve que esperar pelo Império de Napoleão II e a estabilidade política que ele proporcionou até à louca guerra franco-prussiana.

Na realidade, duzentos anos passados sobre tão polémico acontecimento, é tempo para superar as explicações simplistas e fazer a reflexão isenta, longe dos pendores ideológicos que contaminaram o seu estudo aberto. E, entretanto, nos trabalhos de mestre indisputáveis como Pierre Chaunu, Reynald Seycher, J. L. Talmon, Jean Huget e outros, vai-se formando a imagem revista de um tempo conturbado em que se forjaram as raízes da política contemporânea: o genocídio, o totalitarismo, o terror, mas também o partidatismo e a democracia representativa.

HOTEL

DIRECTOR

Vasco Filipe Perfeito *Regina*



TELEFS. 52303 - 52373 - 52393

TELEX: 17 118

2495 FÁTIMA (Portugal)

A CRISE DA CULTURA

Repete-se frequentemente a crise da cultura, e consequentemente um modo de pensar, dum modo de agir, dum modo de ser, dum modo de estar no mundo e na vida. Uma crise que assenta no desprezo dos valores morais e espirituais, dos valores históricos, porque ultrapassados e se repercute na educação do homem como homem, na evolução das suas faculdades, sociais, culturais, humanas, religiosas ou políticas: o homem máquina a sobrepor-se ao homem espírito.

Allan Bloom, no ensaio «A Cultura Inculta», onde expõe as razões de uma crise da cultura na civilização americana, apresenta vectores que podemos transpor para o nosso continente.

Não vamos analisar esta obra em pormenor, nem o que pensa Spengler, Weber, ou Toynbee, ou as orientações positivistas ou materialistas.

O que interessa é sublinhar que nos encontramos numa *universal desordem*. E que as civilizações dispersas no tempo e no espaço, que no fundo constituem o somatório dos fenómenos culturais de cada povo, também se acham em crise.

É que os Estados, ou poderes políticos preocupam-se mais com projectos políticos, técnicos e económicos, do que com projectos culturais. Quando é certo que só a cultura forma Homens, sedimenta vontades e define civilizações.

Quanto a nós cabe-nos reflectir sobre as coordenadas de «sermos portugueses», o nosso humanismo cristão e a riqueza do nosso património cultural disperso por diversos continentes.

As comemorações deste V Centenário dos Descobrimientos devem conduzir-nos à valorização de uma herança que em muito pode contribuir para uma «redifinição da nossa identidade nacional» e criar o espaço de reflexão e análise à situação em que a Nação vive e como projectá-la no terceiro milénio, que se aproxima.

É este um dos principais objectivos do Instituto D. João de Castro, e estamos certos que em muito vai contribuir para o fortalecimento da nossa sobrevivência como Nação livre e independente.

ANTÓNIO MARIA M. PINHEIRO TORRES

ACTIVIDADES DO INSTITUTO

COLÓQUIO EM

A Direcção do Instituto D. João de Castro tomou a iniciativa de realizar na Capital do Ribatejo este 4.º Colóquio sobre Descobrimientos, tendo como tema «Santarém e os Descobrimientos», levando em conta a ligação da gente desta cidade a essa epopeia em momentos de grande importância.

O programa desenvolvido constitui uma série de Capítulos dos mais brilhantes da nossa História.

Os Monumentos da cidade testemunham com a eloquência da sua grandiosidade, como a igreja da Graça, ligada à família Meneses, onde está enterrado Pedro Álvares Cabral, a igreja de Marvila e outros muitos mais.

A realização deste Colóquio, somente foi possível, graças ao apoio dado pela Câmara Municipal, através do Pelouro da Cultura, dirigido pela Dra. D. Maria da Graça Morgadinho.

O Colóquio abriu às 9,30 no salão da Assembleia Municipal sob a presidência do Senhor Presidente da Câmara Municipal, Exmo. senhor Ladislau Botas, estando presente o Presidente da Assembleia Municipal Eng.º Eurico Sarago, Dra. Maria da Graça Morgadinho, Vereadora da Cultura, Prof. Doutor Adriano Moreira, Direcção do Instituto D. João de Castro e uns 100 participantes na sua maioria Professores de História, Português, Francês, Geografia e Ciências Sociais do Instituto Superior Politécnico de Santarém e das Escolas Secundárias da cidade, Almeirim, Cartaxo e Pernes.

Abriu a Sessão o Presidente da Direcção do Instituto referindo-se largamente ao contexto em que se realizava este Colóquio e porque se realizava. Esse texto vem publicado neste N.º de Roteiros com o título — «Colóquio de Santarém» para onde remetemos os nossos leitores.

Seguiu-se a Primeira Comunicação — «Santarém e os Descobrimientos» apresentada pelo Presidente do Instituto em que focou a preciosa contribuição da gente de Santarém, ligada à ocupação das cidades do Norte de África, começando por Ceuta, Alcácer Ceguer e Tânger e a descoberta da costa atlântica africana.

Foram destacadas as heróicas figuras dos Meneses, João de Santarém, Pedro Álvares Cabral e outras figuras que se notabilizaram nos séculos XV e XVI no Norte de África e na Índia.

Mereceram uma lembrança muito especial Pêro da Covilhã e João de Paiva, que em 1487 saíram de Santarém à procura do lendário «Prestes João».

A seguir o Dr. José Manuel Garcia, natural de Santarém, apresentou um belo trabalho focando expressamente «Santarém e as praças do Norte de África» pondo em grande destaque as figuras de D. Pedro e D. Duarte de Meneses e a política em relação à ocupação da zona marroquina.

Seguiu-se a visita a três monumentos ligados à ocupação do Norte de África e Descobrimientos: as igrejas da Graça, Marvila e S. João de Alporão.

Na igreja da Graça foi depositado um ramo de flores na campa de Pedro Álvares Cabral.

As visitas foram guiadas pelo Presidente da Direcção do Instituto fazendo referências apropriadas a cada um dos monumentos visitados.

As 13 horas os participantes foram recebidos pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal na cantina, que a Câmara Municipal tem na Feira Internacional de Santarém, oferecendo-lhes um almoço típico ribatejano, onde a simpatia e a generosidade disputaram o primeiro lugar.

Pelas 15 horas os participantes encheram de novo a sala da Assembleia Municipal onde prosseguiram os trabalhos programados para a parte da tarde.

O Dr. Jorge Couto, Assistente de História da Faculdade de Letras de Lisboa, apresentou uma documentada lição sobre Pedro Álvares Cabral e o «achamento» do Brasil no contexto geopolítico quinhentista».

A seguir a Dra. D. Beatriz Borges, escalabitana, investigadora no campo específico da História, apresentou uma larga comunicação sobre as «Viagens por terra à procura do Preste João da Índia», destacando as peregrinações de

GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



gertal

Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária do bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma seleção e uma formação rigorosas e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma refeição esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

D. JOÃO DE CASTRO

SANTARÉM

Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva, que em 1487 tinham saído de Santarém numa difícil missão encomendada por D. João II.

Por fim, o Dr. José Adelino Maltez, Vogal da Direcção do Instituto, dissertou com a eloquência e profundidade que lhe são peculiares, sobre o tema «A procura de Novos Roteiros». Esta comunicação foi seguida com especial atenção por todos os participantes.

A meio da tarde, após estas 3 lições, houve um pequeno intervalo para tomar café e comunicar com os amigos impressões sobre o decorrer do Colóquio e os temas tratados.

Pelas 17,30 horas seguiu-se um tempo de intervenções dos participantes que foi pequeno, pelo interesse manifestado por muitos intervenientes e pela importância dos temas apresentados, muito especialmente em relação aos «Novos Roteiros» a seguir pela Comunidade Nacional neste fim de milénio e muito especialmente a partir de 1992.

Às 19 horas realizou-se a sessão de encerramento sob a presidência do Senhor Governador Civil, Dr. José Manuel Cachofel Pereira da Silva, estando na Mesa o Senhor Pre-

sidente da Câmara Municipal de Santarém e o Presidente do Conselho de Fundadores, Prof. Doutor Adriano Alves Moreira.

O Secretário do Instituto, Dr. António Maria Pinheiro Torres leu um texto, em que se recolheu em síntese, os pensamentos e anseios que mais interessaram aos participantes.

Seguiu-se a intervenção do Prof. Adriano Moreira focando a importância do contexto que vivemos, as preocupações que invadem os espíritos mais lúcidos em relação aos «Roteiros a seguir» pela Comunidade, e frizou com destaque a importância na sociedade civil do cidadão responsável neste momento importante da nossa vida, enquanto Comunidade nacional.

Encerrou a sessão o Senhor Governador Civil congratulando-se com o trabalho realizado, e agradecendo à Direcção do Instituto D. João de Castro o ter escolhido Santarém para esta acção do nível cultural de que se revestiu.

A Direcção do Instituto, como é natural, manifestou às autoridades presentes e a todos os participantes, a satisfação que sentia, por se «sentir útil» aos seus concidadãos através do Colóquio realizado.



HOTEL ROMA

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P
TELEFONE 76 77 61 (10 LINHAS)

EM FÁTIMA:

HOTEL SANTA MARIA
Rua de Santo António
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

HOTEL DOM JOSÉ
Av. D. José Alves Correia da Silva
Telefs. (049) 52215/52225 — Telex 43279



DEPOIS DO INFANTE

Metálico é o branco das esperas,
o cheiro da alegria humana,
quando cada vez mais o vento
abandona a superfície das águas.

O olhar fixo no invisível.
A viagem dos múltiplos barcos
há dias atracados onde se espera.

O cais a resistir ao destino.
A água na água é azul
sem vestígios.

Baião Modesto

NOTA SOBRE LÉO STRAUSS (1899-1973)

Passa este ano, entre outras efemérides talvez mais notórias, o 90.º aniversário do nascimento de Léo Strauss, sem dúvida o mais influente expoente da filosofia conservadora norte-americana neste século. Nascido na Alemanha em 20 de Setembro de 1899, no seio de uma família de judeus ortodoxos, Strauss estudou nas universidades de Hamburgo, Marburgo e Friburgo. Em 1932 deixou a Alemanha e depois de estadias em Cambridge e Paris, abandonou definitivamente o Velho Continente em 1938 com destino aos Estados Unidos. Ali ensinou em Nova Iorque, e, durante cerca de vinte anos, na Universidade de Chicago. Morreu em 1973.

A originalidade do pensamento de Strauss, está quer no seu objectivo — a reabilitação da filosofia política como procura possível do bem político e dos valores políticos fundamentais; quer no seu método — o estudo, a uma nova luz, dos grandes pensadores políticos da Antiguidade o Sócrates, Platão e Xenofonte. Tal estudo acaba por ser feito com uma polémica quase permanente entre os modernos Maquiavel, Hobbes e Locke. Mas também contra o historicismo de Hegel de Nietzsche e mesmo contra o do patriarca de conservadorismo anglo-saxónico — Edmond Burke. E não só contra as formas de totalitarismo radical, mas também, contra o próprio progressismo (*liberalism*)

JAIME NOGUEIRA PINTO

nos Estados Unidos, que Strauss acusa de usar os padrões do positivismo e do historicismo como *cliché*: Para Strauss, os progressistas utilizam estes padrões do seguinte modo: em primeiro lugar, escolhem o programa político que apoiam; a seguir, identificam um «movimento histórico irreversível» para tal programa; depois dizem que, sendo as coisas inevitáveis em tal sentido, o melhor será facilitar-lhes o caminho para que a transmissão não seja dolorosa; finalmente acusam qualquer um que se oponha a estas preferências de ser repressivo, dogmático e merecedor de desprezo.

A influência de Strauss — um pensador de uma extrema clareza, mas de grande erudição e consequência — processa-se sobretudo, através dos seus discípulos, que incluem quer académicos como Allan Bloom (agora publicado entre nós), Joseph Cropsey e Harry Jaffa; quer políticos como Jack Kempe Lewis Lehrman; quer intelectuais e comentaristas muito activos como Irving Kristol. Mas o seu maior contributo será o de um grande desmistificador da dogmática laico-positivista e de um restaurador dos grandes problemas dos valores e da filosofia política.

INSTITUTO DOM JOÃO DE CASTRO

Cadernos Políticos — 3



A CONSTITUIÇÃO PORTUGUESA: PRÁTICA E REVISÃO CONSTITUCIONAL

Textos do Colóquio da autoria de:

Adriano Moreira
Joaquim António de Aguiar
Andrade Pereira
José Luís Pereira Seixas
José Luís Gomes Pinheiro
António de Almeida Santos
Eduardo de Melo Peixoto
José Carlos Vieira de Andrade
Coroliano Ferreira
António Maria M. Pinheiro Torres



AGR
viagens

Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA

Telef. 553858 - 560382 — Telex 42754 Acptur P

FILIAL:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122

Telef. 691342 - 691359 — Telex 64888 Acpemo P

Lic. Op. Tur. DGT n.º 378



O atendimento

mais acolhedor

o serviço mais eficiente